



O Projeto Integralista

José Antonio Sepulveda¹

O objetivo deste texto é apresentar de forma sucinta o projeto integralista que existiu no Brasil na década de 30 do século XX. Para isso, farei uso de algumas obras produzidas pelo mentor e líder de tal projeto, Plínio Salgado. As obras utilizadas foram: “Despertemos a Nação” e “O Integralismo na vida brasileira”.

O foco principal deste trabalho é situar o projeto integralista no contexto do pensamento político, buscando as bases teóricas de tal projeto. É possível observar elementos de sua obra presentes em diversos autores do período, como por exemplo Vicente Licínio Cardoso, Tristão de Athaíde, Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira e Cassiano Ricardo. Defendo a tese de que a matriz de seu pensamento político é o conservadorismo romântico, em especial Novallis, De Bonald e De Maistre. Concordo com Dutra (1999) quando menciona algumas semelhanças de sua obra com o romantismo utópico de Michelet, em especial quando Salgado desenvolve a ideia de uma utopia pedagógica.

Com efeito, para se entender o significado do citado projeto, é fundamental desenvolver de forma objetiva a ideia de integralismo. Tal ideia era a marca de uma proposta política que entendia a sociedade como uma composição de partes que se integram formando um todo, um corpo uniforme, o povo. Tal proposta entende a organização social como um ente que se forma cientificamente a partir da composição das diferenças, criando o que Salgado chamou de unidade nacional. Assim sendo, o pensamento integralista construído por Plínio Salgado, além de possuir um caráter utópico, possuía uma forte ligação com os movimentos totalitários da primeira metade do século XX. E como esses movimentos, o projeto integralista

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense. E-mail: Jamsepulveda2@yahoo.com.br

se baseia nas ideias centradas em conceitos de caráter moral, que segundo Salgado (1959), fazem parte da essência natural do homem brasileiro, em especial a ingenuidade e a pureza. Qualquer movimento que se proponha a alterar essa realidade é considerado por ele como inimigo da nação. Tal termo também de extrema importância em sua obra.

A ideia de nação se baseia na consciência da diferenciação dos grupos nacionais, fundada em sua própria tradição. Vale mencionar assim como coloca Trindade (1974), que o pensamento de Plínio Salgado se modificou com o tempo, mas seguindo Dutra (1999) no caso do conceito de nação, pouco se alterou. Para Salgado, o temperamento natural do povo seria capaz de criar a consciência para arregimentar a nacionalidade brasileira. A nação seria, portanto, um ente dotado de alma, que se materializa no que Salgado (1959) chamou instinto da raça e o sentimento das multidões, seria uma fatalidade étnica². Nesse ponto, convém chamar a atenção para o fato de que nessa definição de nação de Plínio Salgado, o termo étnico é utilizado para se referir a um grupo que é, a um só tempo, biológico - portanto racial - cultural e afetivo (Dutra, 1999).

Ao construir o conceito de nação na sua obra, Salgado desenvolve a tese de um conteúdo político que forma um corpo coletivo capaz de fazer uma “revolução espiritual”. O que inauguraria um novo tempo para uma comunidade política cujo fundamento seria a identidade cultural, no qual o passado, a história e as tradições sustentariam uma base moral para o futuro. É justamente neste ponto que reside o interesse de Plínio Salgado em um projeto de educação, que seria uma espécie de utopia pedagógica educativa. Dessa forma, a função pedagógica do integralismo seria modelar o povo para a nação (Dutra, 1999).

Para fazer funcionar seu projeto pedagógico, Salgado recorre a elementos mitológicos de fortes características simbólicas que compõem o imaginário do povo brasileiro. Para ele, a ideia de nação se fundamentaria no mito das três raças responsável por nossa identidade física e espiritual. Tal identidade seria o resultado da fusão das três raças que criaria a raça cabocla, tal raça seria a raiz do espírito brasileiro que foi sendo transmitido de geração para geração.

É esse encontro, entre uma mitologia nacional e uma utopia pedagógica, que vai avaliar o aceno a uma outra mitologia, a revolucionária, pela via do espírito. Pela utopia pedagógica, lastreada

² Vale mencionar que Plínio Salgado recebeu também muita influência da literatura romântica brasileira, em especial de José de Alencar.

numa história nacional que narra as origens fundadoras, o nosso autor pretende fazer emergir um outro futuro, a ser construído pela sua revolução espiritual (DUTRA, 1999, p.14).

O princípio pedagógico da obra de Plínio Salgado comungava com os elementos autoritários de outras propostas políticas que estavam sendo desenvolvidas em outras partes do mundo, em especial na Europa. Passo agora a apresentar tais elementos na sua versão brasileira. O que foi chamado de Ação Integralista Brasileira (AIB).

Elementos Pedagógicos

O calendário pedagógico da AIB começa no dia 7 de outubro de 1932. Neste dia se celebra a leitura pública do mais importante documento produzido pelos integralistas até então, o chamado “Manifesto de Outubro”, no Teatro Municipal de São Paulo. O constructo pedagógico se baseava nas organizações fascistas, especificamente da Itália, os integralistas seguiam uma série de rituais e normas (Fagundes, 2012). O trabalho de formação passava por todas as instâncias individuais. Como o uso pelos militantes do partido de camisas verdes com gravatas pretas. Tal forma de se vestir criava uma marca, a ponto de serem chamados de camisas-verdes.

A sua estrutura de apresentação se baseava em elementos da matemática, como a letra do alfabeto grego sigma (Σ), que aparecia gravada em seus uniformes verdes. Na matemática, tal letra é utilizada para realizar o cálculo integral. Simbolicamente então, Salgado fazia uma alusão à necessidade de se integrar todos os brasileiros. A partir desse raciocínio, a AIB se organizava em milícias e realizava desfiles e marchas com formação militar.

Como forma de saudação e identificação da unidade do grupo, faziam uso da palavra de origem tupi-guarani “anauê”. Tal saudação era feita com o braço direito estendido e com bastante veemência pelos seus membros. Essa era postura utilizada durante as chamadas “bandeiras” ou “caravanas” integralistas, que tinham o objetivo de divulgar as ideias do movimento e, ao mesmo tempo, fundar núcleos da AIB (Fagundes, 2012). A partir de 1933 a AIB intensificou a estratégia de propaganda e passou a se organizar a nível nacional.

Os desfiles começaram em São Paulo, e no dia 23 de setembro de 1933, os paulistas testemunharam a primeira marcha dos camisas-verdes, liderados por Gustavo Barroso, um dos líderes junto com Plínio Salgado e Miguel Reale, com bandeiras azuis nas mãos e diversos gritos de guerra. Tal característica se tornou uma das marcas da AIB, sendo repetida onde houvesse um núcleo integralista.

A partir desse primeiro desfile, onde houvesse um núcleo integralista, haveria uma cerimônia ou ritual da organização. Os momentos da vida dos militantes passaram a contar com ritos e símbolos que cumpriram a tarefa de padronizar e unificar as ações do partido, através da construção de uma mística do movimento. (FAGUNDES, 2012, p.891).

Assim, a forma mais comum de comemoração era o desfile público. A tarefa de expressar crenças e valores para o coletivo era facilitada pelo desempenho dos militantes nas cerimônias, que se expressava por meio de uma linguagem corporal. Como bem colocou Trindade (1974), o controle do corpo era fundamental para o integralismo, por isso a importância dada pelos seus integrantes à Educação Física. “Em um ritual político, cada gesto corporal cumpre uma determinada finalidade no sentido de transmitir uma “verdade” que deve ser assimilada por todos” (Fagundes, 2012, p. 893).

Assim, o uso de uma saudação significava mais que simples ações físicas. Representava enquadramento do indivíduo em sintonia com o partido. Na realidade, o ritual ultrapassava a simples dimensão da subjetividade. E na política, os rituais posicionavam os filiados em uma ação efetiva. Por isso, a necessidade das liturgias políticas que hipnotizavam as “massas”, garantindo a AIB o controle do poder.

Para os integralistas brasileiros, a implementação de uma série de ritos e cerimônias tinha por objetivo atingir de maneira homogênea o conjunto da militância. Para isso, foi criada uma série de documentos que tinham por objetivo padronizar as ações da militância, os conhecidos “Protocolos e Rituais Integralistas”, que registravam todas as regras de comportamento dos integralistas, tais como uso de uniformes e de símbolos e procedimentos durante as cerimônias (Fagundes, 2012). Dessa forma, o respeito durante os desfiles significava uma militância fiel às diretrizes da direção nacional. Significava também a adesão do indivíduo ao coletivo, criando um sentimento de unidade.

O símbolo sigma, juntamente com a saudação acompanhada da palavra “Anauê” ocupavam lugar de destaque no movimento. O procedimento era o

seguinte: entre a militância comum, a regra era uma única saudação; e para o chefe nacional o grito era de três “anauês”. As expressões “Deus, pátria e família” formava a tríade que caracterizava o lema dos seguidores de Plínio Salgado, por conta disso os integralistas eram chamados também de “Soldados de Deus”.

Os integralistas, então, formavam um grupo sólido que intencionava, através da educação, reorganizar a cultura brasileira, tendo o Plínio Salgado como mentor orgânico do projeto. Não bastava para ele somente a construção de uma ideia, era necessário colocá-la em prática. Tal construção teórica e política era muito sedutora. O movimento aceitava mulheres, negros, pobres, que recebiam papéis sociais específicos na reprodução dos valores integralistas. Intelectuais e representantes da Igreja católica aderiram a AIB. Foi o caso de San Tiago Dantas e do padre Helder Câmara que começaram integralistas e depois assumiram importantes funções no cenário político brasileiro.

É a partir dessa construção e desse cenário que Plínio Salgado vai se referir à “Nação Total” e ao “Todo Nacional”. Tais conceitos simbolizam o fim dos interesses municipais, estaduais e de classes. Todos os indivíduos devem se submeter a esses elementos constitutivos do Todo nacional e não podem se hipertrofiar, pois correriam o risco dos seus interesses particulares destruírem a organicidade do Todo. (Dutra, 1999). Segundo Salgado (1955a), o equilíbrio social só se torna possível quando as ambições das partes se anulam frente o predomínio da expressão da coletividade, ou seja, da Nação. Para ele, a política sempre estará subordinada aos fatores morais, tradicionais, étnicos e culturais; e a economia estará sempre subordinada aos fatores da produção e às circunstâncias qualitativas da produção na sua expressão regional. A questão econômica para Salgado estará sempre subordinada à política “no sentido da finalidade nacional”. Enquanto a política, por sua vez, se submeterá à questão econômica por não poder contrariar as realidades objetivas, tal como o fator geográfico.

Com efeito, a possibilidade de harmonia de ambas resultaria da fusão “numa política racional totalizadora dos fenômenos sociais do país” (Salgado, 1955). A base das subordinações se estabelece a partir da crença na hierarquia dos valores espirituais e materiais colocados por Plínio Salgado como à condição de uma diretriz integralista. O princípio norteador fundamenta-se no princípio da autoridade. Tal princípio coloca o Espiritual sobre o Moral, o Moral sobre o Social, o Social sobre o

Nacional e o Nacional sobre o particular (Salgado, 1955a) Segundo Dutra (1999, p.12),

(...) o resultado maior dessa hierarquização está, no nosso entender, na representação do espaço social da Nação como um espaço conjuntivo, onde, ao invés de um pluralismo, deve vigorar a homogeneidade social e política.

Assim, para o pleno funcionamento deste projeto de nação era necessário criar um simbolismo que demonstrasse a predestinação integralista. Para isso, foi de fundamental importância a criação de rituais ordinários da AIB. Destaco três desses rituais: “A Vigília da Nação”, “A Noite dos Tambores Silenciosos” e as “Matinas de Abril”. Cada um desses rituais era uma exaltação a história da Ação Integralista Brasileira.

“A Vigília da Nação” acontecia no mês de fevereiro, em sessão solene nas sedes de todos os núcleos do Brasil. Todos os membros da AIB deveriam fazer um minuto de silêncio em respeito a Deus, à Pátria e ao chefe nacional, precisamente às 21 horas, e em seguida todos faziam um juramento coletivo de fidelidade a Plínio Salgado.

“A Noite dos Tambores Silenciosos” ocorria todos os anos no dia 7 de outubro. A solenidade deveria ter início pontualmente às 21 horas em todos os núcleos do País. O objetivo era homenagear a trajetória histórica da AIB. Esse ritual demonstra o caráter populista do movimento, já que a presidência da sessão deveria ficar a cargo do membro integralista mais pobre e humilde, que nesse dia representaria o chefe nacional. A sessão era dividida em partes. Uma parte com o canto dos hinos - Nacional e da AIB. Outra parte era a chamada dos mártires do movimento, saudados com o grito “Presente!”. E uma última parte quando se faziam discursos e a leitura de trechos do Manifesto de 1932. A meia noite soavam os tambores por três minutos, momento que era feita a leitura do poema “A noite dos Tambores Silenciosos” de Jaime de Castro.

“As Matinas de Abril” eram realizadas no dia 23 de abril em homenagem ao primeiro desfile integralista em 1933. Para iniciar a cerimônia, os membros da AIB tinham que procurar uma praça antes do sol nascer para organizar os elementos básicos do evento. A cerimônia só começava com o raiar do sol. Depois de um breve pronunciamento, todos deveriam ficar em silêncio e de braços levantados

durante alguns minutos. Essa ação se repetia algumas vezes até a alvorada quando soavam os clarins marcando o fim da solenidade.

O arremate pedagógico final da AIB foi a construção de mártires, heróis integralistas que deram a sua vida pela causa. O integralismo defendia a imortalidade da alma. Segundo Fagundes (2012, p.898-899),

Se considerarmos que a maioria dos militantes era composta por católicos, podemos afirmar que essas liturgias tinham a finalidade de reforçar a fidelidade à causa, sobretudo através da insistência em destacar o papel daqueles que sacrificaram suas vidas pelo partido.

Trindade (1974) defende a tese de uma sacralização da política através do culto e valorização dos mortos. A ideia dos dirigentes da AIB era evidenciar uma imagem positiva de seus mártires, com o intuito de criar um elo sentimental, em especial entre os membros do partido. Mas também ao público externo como forma de garantir e ganhar novos adeptos à causa.

Essa intenção ficava clara ao observar que imagens de militantes mortos e feridos em combates de rua ocupavam os mesmos espaços nas publicações da AIB que cenas de desfiles, casamentos, sessões solenes e atividades de caráter social. As cenas de caixões, velórios, cadáveres e sepulturas eram divulgadas sem cortes ou censura pelos órgãos da imprensa verde. Os integralistas chegaram a compor um panteão de mártires. (FAGUNDES, 2012, p 899).

Militantes de todas as regiões do Brasil eram reverenciados quando mortos em batalha pela causa. Não existiam diferenças entre os membros do norte e do sul, isso segundo os integralistas, mas com certeza esse argumento funcionava como discurso, principalmente, como elemento afirmador de uma identidade nacional.

Assim, a construção de um discurso pedagógico eficiente, baseado em elementos de um nacionalismo, carregado de características do romantismo, fundamentou os argumentos integralistas que justificavam inclusive o pleito de Plínio Salgado pelo Ministério da Educação, ao negociar com Getúlio Vargas o apoio ao Estado Novo em 1937.

Vale ressaltar, segundo Lourdes Sola (1978), que o apoio dos integralistas ao golpe de 1937 foi fundamental para a formação do Estado Novo. O que Plínio Salgado e seus seguidores não esperavam era a consequência política do autoritarismo varguista. Para se efetivar a concentração de poder, o presidente afasta os integralistas. Em resposta ao que Plínio Salgado chamou de traição, em

1938, a AIB organizou um ataque ao governo central. O fracasso de tal empreitada sacramentou a decadência do movimento integralista.

Considerações finais

Uma das características mais marcantes do projeto integralista era a sua organização pedagógica. Todo o seu funcionamento se baseava em práticas e teorias sedutoras. A ideia de integrar a todos acabou reunindo figuras das mais diferentes matrizes sociais, além dos já mencionados Helder Câmara (posteriormente Dom Helder Câmara, Arcebispo Emérito de Olinda) e San Tiago Dantas, este último chegou a fazer parte inclusive da Câmara dos Quarenta - a instância mais alta da AIB abaixo dos líderes Plínio Salgado Miguel Reale e Gustavo Barroso -, aderiram a ao movimento também importantes líderes do movimento negro como João Candido (Revolta da Chibata) e Abdias do Nascimento (Teatro Experimental do Negro).

A base teórica que sustentou o integralismo, o romantismo, esteve presente nos principais argumentos construídos por Plínio Salgado, em especial na construção dos principais conceitos fundadores do movimento e do discurso nacionalista construído pela Ação Integralista Brasileira.

Assim, a nação e o povo, referenciados pelo romantismo, que se fundamentava no passado e nas tradições, possuíam uma suposta raiz única cuja herança sobrevive em cada brasileiro. A partir de tais conceitos, construíram-se os fundamentos que moldavam as funções do indivíduo e da coletividade, formatando uma concepção totalitária do mundo e, em especial, de uma vida política. Portanto, por meio de uma visão totalitária, é possível compreender melhor a noção e o significado da exaltação da "soberania popular" em Plínio Salgado, bem como o seu constructo pedagógico direcionado a uma constante mobilização popular, que funcionava como garantia do funcionamento dos instintos naturais do povo brasileiro. Por fim, seria a confirmação do princípio da igualdade de todos os brasileiros, fundamentadas na doutrina integralista, e, ao mesmo tempo, a execução de sua predestinação: a formação de uma sociedade una e indiferenciada.

Bibliografia

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Totalitarismo e Revolução. O integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSP, 1999.

CHASIN, J. O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Entre a melancolia e a exaltação: povo e nação na obra de Plínio Salgado. Rev. bras. Hist. vol.19 n.37, São Paulo, Sept, 1999.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB). Varia Historia, vol.28, n. 48, p.889-909, Belo Horizonte: jul/dez 2012.

SALGADO, P. O Integralismo na Vida Brasileira. In: Enciclopédia do Integralismo. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959. v. 1.

_____. Manifesto da Ação Integralista Brasileira, 1932. In: Obras Completas. São Paulo: Américas, 1955.

_____. Despertemos a nação in: Obras Completas. São Paulo: Américas, 1955a.

SOLA, Lourdes. O Golpe de 37 e o Estado Novo. IN: MOTA, Carlos Guilherme. Brasil em Perspectiva. Rio de Janeiro: DIFEL, 1978.

TRINDADE, Hégio. Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974.